

## **Síntese sobre secção “cantos, contos e que mais...” S. Pedro do Sul**

**Filomena Sousa**

**Memóriamedia**

Sousa, Filomena (2012), “Apresentação e síntese do trabalho de registo vídeo realizado pelo Memóriamedia no concelho de S. Pedro do Sul”, in *Projecto Memóriamedia*, Alenquer: Memória Imaterial/IELT, pp. 1-6.

As gravações realizadas pela equipa Memóriamedia em São Pedro do Sul nos anos de 2007 e 2009 aconteceram no âmbito da iniciativa “estória, história...” um encontro de contadores organizado pela Associação Criar Raízes.

Segundo as palavras da organização do evento:

“A partir do desejo que a arte de contar histórias fosse promovida e partilhada na região, decidimos a partir desta ideia, (re)descobrir a serra. Entre a Tradição Oral e o Património Local. Num ambiente acolhedor e de partilha, integrado num projecto de promoção de inclusão e desenvolvimento, trazemos o conto de novo para a lareira, para o sítio onde nasceu, nas longas noites de frio e chuva, à volta do lume, em casa das pessoas. A ideia é que os participantes descubram as aldeias e suas gentes, ao circular de casa em casa para ouvir um contador diferente.” (Criar raízes, in Folheto informativo da iniciativa, 2009).

Assim, em duas aldeias diferentes e em três casas por aldeia o público assistiu a sessões de “estórias, histórias...” com diferentes contadores.

As edições dos encontros da “estória, história...” a que a equipa da Memóriamedia assistiu aconteceram em 2007 entre as aldeias de Candal e, em 2009, entre as aldeias de Manhouce e Candal.

Para além das “actuações” dos contadores “profissionais”, à tarde, a organização convidou contadores locais que partilharam com o público “estórias” de vida, lembranças, cantigas, contos e anedotas. Foi nesse âmbito que em 2007 foram filmados o Mestre Silva e António Oliveira.

Luísa Jesus Campos foi entrevistada em 2009, mas este contacto não aconteceu no âmbito da iniciativa “estória, história...”. Vários investigadores do Instituto de Estudos de Literatura Tradicional já tinham mencionado Luísa Campos como alguém com um vasto conhecimento da tradição oral local que deveria ser entrevistada. Aproveitando o facto de estarmos em Candal realizou-se essa entrevista.

-----

O Mestre António Silva foi, em 1978, um dos fundadores do Grupo Etnográfico Cantares de Manhouce. Natural de Manhouce foi ensaiador, tocador e solista do grupo. O Mestre colaborou com Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça nas recolhas para o livro “Cancioneiro Popular Português” e idealizou com o dramaturgo Jaime Gralheiro o espectáculo “O Canto da Terra”.

Os registos partilhados no site Memóriamedia mostram Mestre Silva, o contador de histórias. Uma das histórias do mestre fala dos cães que decidem ir à festa dos homens e, para não terem medo, deixam cada um o seu rabo debaixo da ponte. À volta é que foram elas...

A história chama-se “Quem tem cu tem medo”:

**“Quem tem cu tem medo”**

“Vou contar outro conto que é aqui... O Vilarinho do Monte. Aqui conhecem muito bem o Vilarinho do Monte as pessoas, não conhecem? Lá há uma capela que tem o São José e a Santa Maria. E faz uma grande festa – de Verão, no primeiro Domingo de Agosto! Faz uma grande festa ali! E os habitantes gostam que os familiares vão a casa deles naquele dia, porque cada casa mata duas cabras ou três cabras e botam ao forno. Fazem umas comezanas para aquele dia, que é medonho! E vai muita gente lá comer. E os cães em Manhouce começaram a ver que estavam a ficar sozinhos, porque as pessoas foram todas para a festa, para Vilarinho! E os cães ficaram sozinhos e disseram assim:

- Pois é... Eles foram para lá, comer a cabra... - os cães, a conversar uns com os outros! No tempo... em que eles se entendiam.

E então:

- Eles, pois, foram lá. Agora... Mataram-se muitas cabras... Se a gente também fosse?

E diz um assim:

- Pois é. Mas a gente... a gente vai e os homens embebedam-se e depois... e atiram-nos com o pau... -que eles, cada homem que ia à festa naquele tempo, levava um pau. Era um cajadinho, ia sempre com ele.

E então eles foram e os cães estavam na reunião, a ver como é que haviam de ir à festa sem ter medo. E uns queriam ir! E outros diziam assim:

- Eu não vou, que eu tenho medo.

- Ó! Tu tens... Tu tens... Tu tens é medo! Olha, quem tem cu, tem medo!

E diz-lhe o outro assim:

- Ah, mas então o medo está aí, está no cu?

Diz ele assim:

- Está! Está. Quem tem cu, tem medo. E vocês vão ficar e a gente vai.

- Mas como é que “a gente vai”? Tu também levas o teu, o teu cuzinho... -diz ele assim.

- Ah, mas é que nós...

Diz o outro assim, o mais velho:

-Olha, resolvemos todos! A gente em Malfeitoso passa o Rio Cabeçadas e tem uma ponte grande. A gente deixa os cus todos debaixo da ponte! Deixa ficar lá os cuzinhos todos.

Diz o outro assim:

- E tu dizes bem! E a gente vai e já não tem medo!

- Pois não! Pois não.

Pronto. Foram para a festa, deixaram lá os cus todos. Mas eram muitos cães! Era um monte deles, de cuzinhos! Eram muitos ali, muitos. E foram para a festa! Já cabriolavam, já brincavam!... Foi tudo para a festa! Comeram as tripas das cabras, comeram os ossos... Encheram a barriga! As pessoas também chegaram ao arraial, começaram a cantar, começaram a dançar... Implicaram lá uns com os outros – armaram uma zaragata. Armaram uma zaragata e tudo ergueu os paus: deram com os paus. Os cães, que estavam longe, vieram assim:

- E lá estão eles... E lá estão eles lá com a zaragata... Olha os paus!

E assim:

- Mas para onde é que a gente agora foge? A gente tem que passar lá no arraial...

- Eu vou já passar!

Foi e passou! Passou e apanhou com um pau no lombo – ui!

- Ai, ai, ai, ai! Ai, ai, ai, ai! -vsssss. Mas corria que desaparecia!

Depois veio outro, também apanhou outra lambada – pimba!

E outro:

- Ai, ai!

Veio outro:

- Ai, ai, ai!

E saíram todos, uns atrás dos outros. Mas aquilo... corriam a fugir, a ver aquele que chegava mais depressa a casa! Chegaram à ponte, não estiveram para perder tempo: agarraram num, meteram debaixo do rabinho e pumba, foi tudo embora. Pronto.

Chegaram a casa... foi uma tragédia! Estavam os cuzinhos todos trocados! Estava tudo trocado. Pois, o que é que ele diz?

- E agora, como é que nós vamos fazer? -estava tudo trocado...

Ao outro dia, quando chegaram uns ao pé dos outros, iam logo cheirar no cu daquele... e era para ver se aquele cuzinho é o dele... Não era. Veio outro cão, ia cheirar no cuzinho dele: era aquele. Ganharam o hábito, pronto. Procuram sempre: até hoje ficou tudo trocado, não encontraram mais! Eles bem chegam ao pé dos outros! Quando chegam: cheirinho no rabo, mas o cuzinho é que não é o deles!

-----

O registo de António Oliveira também é um conto. Trata-se da história de um homem que apesar dos avisos, casa com uma mulher preguiçosa. Constatando que a esposa come e bebe à larga e se recusa a trabalhar, o homem engendra um esquema para a pôr na linha.

Para além destas histórias, foram registadas cantigas sobre Lafões, S. Pedro do Sul, Manhouce e Candal. De seguida transcreve-se “Tareio de Manhouce”, cantada pelo Mestre Silva e “Adeus ó minas do Aido” cantada por Luísa Campos.

## Tareio de Manhouce

Manhouce, povo antigo [Bis]  
Fica entre Porto e Viseu [Bis]

Larai lai larai  
Larai lai larai  
Lai lai lairalai  
Lairalai lai lai lai  
[Bis]

Fica entre Porto e Viseu  
Tem duas pontes romanas  
Que lhe servem de museu  
Que lhe servem de museu

Larai lai larai  
Larai lai larai  
Larai lai lairai  
Lairalai lai lai lai  
[Bis]  
E ó vira, ó lindo vira [Bis]  
Lindo vira da nossa terra [Bis]

Larai lai larai  
Larai lai larai  
Larai lai lairai  
Lairalai lai lai lai  
[Bis]

Quem me dera ser mais novo [Bis]  
Para mandar ler a sina [Bis]

Larai lai larai  
Larai lai larai  
Larai lai lairai  
Lairalai lai lai lai  
[Bis]

Para mandar ler a sina  
E vir a Cova do Monte  
Namorar uma menina  
Namorar uma menina  
Larai lai larai  
Larai lai larai  
Larai lai lairai  
Lairalai lai lai lai [Bis]

## **Adeus ó minas do Aido**

*Ai, ai, ai* – Adeus, ó minas do Aido  
*Ai, ai, ai* – Adeus, corga<sup>1</sup> do Baixinho

*Ai, ai, ai* – Adeus, ó fragas da Cota  
*Ai, ai, ai* – Tem videiras que dão vinho

*Ai, ai, ai* – Adeus, lugar de Candal  
*Ai, ai, ai* – Adeus, que me vou embora

*Ai, ai, ai* – O adeus é saudoso  
*Ai, ai, ai* – Quem diz adeus, sempre chora

*Ai, ai, ai* – Adeus lugar de Candal  
*Ai, ai, ai* – Pequenino mas tem graça

*Ai, ai, ai* – Tem uma fonte na Esterça  
*Ai, ai, ai* – Dá de beber a quem passa

---

<sup>1</sup> Abertura na terra feita por águas correntes.